DOI – *10.5752/P.2175-5841.2012v10n25p8*
Licença Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivs 3.0 Unported

Literatura e religião: traços e laços

Literature and religion: features and common bonds

Mariângela de Andrade Paraízo [*]

Cotejar religião e literatura traz à tona uma série de questões estimulantes, como, por exemplo, a relação entre ética e estética, entre realidade e ficção ou entre essência e aparência.

À primeira vista, poderíamos afirmar que a religião trata principalmente de nos mover em direção aos valores essenciais que consolidam qualquer comunidade, seja qual for o tempo, a cultura ou os preceitos da própria religião observada. Quanto à literatura – a que atravessa gerações – a ela caberia a veiculação dos valores culturais que cada sociedade se encarrega de preservar e de perpetuar. Observe-se que, na escrita dessas primeiras linhas, os dois conceitos já se aproximaram.

Evidentemente, há uma série de pontos em comum entre as duas áreas. Destaca-se, como exemplo, o fato de que ambas se valem da narração como meio de transmitir determinados sentimentos ou se utilizam da linguagem poética como um caminho para renovar a força das palavras. É também desnecessário dizer que neste texto não cabe abordar a totalidade de facetas que se encontram nos discursos literários ou religiosos, ou nos discursos que os têm como objeto de estudo. Também não seria possível abordar a multiplicidade de religiões ou de práticas literárias, nem mesmo se nos restringíssemos àquelas que gozam de maior prestígio no mundo contemporâneo. Apenas gostaríamos de realçar que diversos caminhos se apresentam para uma comparação entre esses dois campos de saber ou nesses dois modos de se produzirem textos. Entre os muitos pontos em comum, destacamos a aproximação desses dois discursos pela maneira como são criados ou pelo

[*] Doutora em Literatura Comparada. Pós-Doutorado em Literatura Brasileira. Professora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. País de origem: Brasil. E-mail: mariangelaparaizo@gmail.com

modo como são enunciados. Em outras palavras, há, no texto religioso e na palavra poética, um traço de estilo que os torna, ao mesmo tempo, enigmáticos e reveladores, e que permitem que sejam repetidos sem se desgastarem. Ao contrário, ambos se renovam a cada vez que os lemos ou os recitamos.

Para esboçar esse possível diálogo entre literatura e religião, poderíamos tomar como referência as narrativas religiosas que resistem a milênios de leituras sem perder sua capacidade de surpreender. Em que pese a relevância dos estudos que procuram determinar os fatos históricos relatados na Bíblia, por exemplo, o que mais importa ao fiel não é saber se essas histórias são um registro da realidade; antes, interessa a mensagem que elas veiculam e que as ultrapassa. Da mesma maneira, a verdade da linguagem literária está sempre além – ou aquém – do que ela retrata ou reproduz.

Outro caminho possível para essa comparação seria recuperar a linguagem mística encontrada nas curvas traçadas pela poesia em busca de um caminho certeiro. Em nossa tradição ocidental, os poetas vêm procurando, sempre, delinear a densidade do intangível, bordar o que não se abarca. Daí o risco de derivarmos para uma linguagem poética ao tratar de literatura, pela dificuldade de traduzi-la em outro estilo. Da mesma maneira, a linguagem da oração não cabe no discurso científico ou no texto convencional, mas necessita de outro tipo de linguagem que lhe seja propícia, alguma que, principalmente, comporte a subjetividade.

No que concerne às práticas das diversas religiões, mitos e ritos procuram restabelecer o vínculo do homem com Deus. A própria etimologia da palavra aponta para a ideia de religar, como que pressupondo um momento em que não havia a necessidade de mediação. Vista por esse prisma, a religião se oferece como a reapresentação da união entre o divino e o humano. Entretanto, pela própria natureza desse discurso, nesse elo se destaca o lugar vazio, lugar que encontramos, por exemplo, no hiato entre o dedo de Adão e o de seu Criador, tal como representados por Michelangelo no teto da Capela Sistina.

Também a literatura trata de sublinhar a entrelinha, de realçá-la como lugar de fruição. Entre tantos discursos proferidos, o discurso da oração e o discurso poético se constroem tanto pelo que dizem quanto por seu entredizer; viabilizam a mediação entre o humano e um mais além, exercício que, ainda humano, realça o indizível. Ambos os

discursos se apresentam, então, com significados que ultrapassam os textos enunciados, oferecendo-se como fonte de interpretações diversas, mesmo que antagônicas.

Consideramos, ainda, da maior relevância, lembrar, neste exercício de comparação, que encontramos a linguagem poética ou a linguagem religiosa tanto no texto escrito como na tradição oral. Não há grupo que se prive de criar histórias ou de consolidar as bases sólidas de sua religião através de todos os recursos que se podem extrair da linguagem. Todos os tipos de comunidade – letradas, analfabetas ou ágrafas – elaboram textos para contar, recordar e construir.

Nos textos sagrados, o poder da narração se verifica de diferentes maneiras. Um dos mais relevantes está no lugar mesmo que ocupam em diferentes tradições religiosas. Basta lembrar, por exemplo, que o povo judeu se identifica como o "Povo do Livro", e não menor é a importância da Bíblia para os cristãos e do Alcorão para os muçulmanos**.**

Em que pese a grandiosidade da tradição que os dois testamentos bíblicos veiculam, neste recorte, gostaríamos de destacar o lugar ocupado pelas parábolas que se encontram nos evangelhos, criadas por Jesus de Nazaré como mecanismo de transmissão de sua doutrina.

A importância das parábolas, para este exercício de comparação, reside no fato de serem histórias criadas como ficção: podem ou não ter acontecido, mas o que as torna relevantes não está em sua relação com a realidade, mas com a verdade que explicitam. Observe-se, porém, que não são histórias limitadas à ilustração ou ao esclarecimento de um ou outro ponto; na maioria das vezes, apresentam-se pouco transparentes, sinalizando, talvez, que a opacidade faz parte desse instrumento de mediação entre o mundo evidente e o que apenas se entremostra. Dito de outra maneira, nas parábolas, a mensagem é potencializada pela força da trama narrativa.

Utilizando-as como exemplo, pretendemos destacar o fato de que nem sempre é necessário entender um texto para se gostar dele, ou para que ele nos atinja; basta que ele se preste, de alguma forma, complexa ou singela, a traduzir algo de nós, mesmo apesar de nós. Quando o leitor ou ouvinte encontra esse tipo de texto, ele é repetido, recontado, muitas vezes até pelo simples prazer que sua repetição proporciona.

Lidos, falados ou cantados, o texto literário e o texto religioso perpetuam-se e renovam sua capacidade de transmissão. Através deles, pegamos o sentido inapreensível, tal como pegamos uma gripe ou uma alegria, no ar por que circulamos.

Tanto a religião como a literatura ainda têm, em comum, a propriedade de nos levar de um lugar de conforto para o território da indagação. Em ambas, trata-se do salto sem rede, porque não há garantias na trama da linguagem. O texto literário escapa do domínio de seu autor, no momento em que se enuncia, podendo dizer muito mais – ou menos – do que se pretendia, porque se aguçam as palavras, despertando um saber que guardam dos discursos que habitaram e que voltam para cada um de nós. Já o texto religioso necessita da fé para que transpareça o pleno sentido ao qual aquele que reza deve, de antemão, renunciar.

Convidamos, então, o leitor a percorrer os ensaios que se apresentam neste número da Revista *Horizonte*. Neles se encontram aprofundadas e cuidadosamente exploradas essas e outras facetas desse tema tão intrigante. Não se trata de tarefa simples, e, por isso mesmo, torna-se tão importante a contribuição que aqui nos trazem esses pesquisadores.

Com cuidado, rigor e sensibilidade, os ensaios foram construídos no intuito de nos aproximar um pouco mais do que se encontra no texto literário e no texto religioso que os torna tão peculiares. Apresentam-se como uma oportunidade rara para se conhecer um pouco mais sobre a matéria de que esses textos são feitos e a maneira como são urdidos. Acreditamos que, como aconteceu conosco, o leitor não sairá o mesmo dessa travessia.